



O ART DÉCO NA ARQUITETURA BRASILEIRA Telma de Barros Correia¹

I. Art déco na arquitetura

Nada marcou mais o cenário das cidades brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 que a arquitetura de tendências art déco, que então se firmou como uma expressão de modernidade acessível às diferentes classes sociais. A partir de construções de maior porte, o vocabulário conquistou o gosto popular e se disseminou em cidades grandes e pequenas.

Na arquitetura o art déco concilia aspectos inovadores e vínculos com o passado. Da arquitetura *Beaux-Arts* recupera o viés decorativo, expresso na volumetria em composições marcadas pelo jogo de formas geométricas e/ou em fachadas com elementos de conotação ornamental. Também faz uso – com certa frequência – do método *Beaux-Arts* de composição, pela adoção de regras referentes a simetria, axialidade e hierarquia na distribuição da planta, na organização das fachadas e na disposição da volumetria, expressas, entre outras coisas, na ênfase conferida ao acesso principal e na repartição da fachada em base, corpo e coroamento. Ainda emprega – após submetê-los a operação de simplificação – elementos da linguagem clássica, como colunas, óculos, frontões, capitéis, pilastras e platibandas. O aspecto inovador do art déco situa-se na frequente simplificação geometrizar de seus elementos decorativos e na diversificação e atualização de suas fontes de referência ornamental.

¹Docente na Escola de Engenharia de São Carlos – USP.

Entre os recursos que integraram o repertório formal do art déco na arquitetura situam-se: marquises; balcões em balanço; colunas, frontões, óculos, capitéis, pilastras, platibandas e volutas de formas simplificadas; gradis e caixilhos de metal, inclusive do tipo basculante; ornatos em alto ou baixo relevo representando formas geométricas, temas florais simplificados ou linhas retas ou em ziguezague; uso cenográfico da luz através do néon ou de vitrais; texturas nas superfícies; padrões esquemáticos de cores; volumes, vãos e superfícies escalonadas. A construção pode estruturar-se através de uma composição volumétrica integrando formas geométricas, como prismas retangulares, elementos cilíndricos, volumes arredondados ou planos verticais ou horizontais.

Em parte das construções, as referências à linguagem déco se restringiam a detalhes ornamentais aplicados em fachadas de construções cujas características – em termos de implantação, tecnologia, volumetria e organização dos espaços – seguiam modelos atrelados ao passado. Em outros casos, entretanto, o repertório formal art déco foi empregado em construções inovadoras em termos de programa e de técnicas construtivas (estruturas de concreto armado, os caixilhos de metal, etc.).



Figura 1. Igreja em Neópolis (SE).
Fonte: Acervo Pesquisa Nuvila.



Figura 2. Cia. Taubaté Industrial em Taubaté (SP).
Fonte: Acervo Pesquisa Nuvila.

2. Art déco no Brasil: tendências

No Brasil, a linguagem déco em arquitetura se expressou inicialmente, sobretudo, em projetos que buscavam traduzir uma noção de modernidade vinculada a programas novos. Este foi o caso dos arranha-céus que testemunharam a passagem de nossas capitais à condição de metrópoles; de edifícios institucionais que abrigavam funções de um Estado que se modernizava e expandia; de lojas de departamento que introduziam um novo conceito de comércio; e de cinemas, clubes e emissoras de rádio que difundiam formas novas de diversão, cultura e lazer. Rapidamente, entretanto, o estilo se difundiu, aplicado em fábricas, igrejas e em lojas e moradias de pequeno porte.

Nos arranha-céus a altura era sublinhada por composições escalonadas e/ou por elementos verticais de coroamento. Em edifícios institucionais, pretensões de monumentalidade eram favorecidas por composições de matriz clássica. Os recursos cenográficos que a linguagem déco oferecia eram solidários com o glamour e magia suscitados pelo cinema. Em fábricas tal vocabulário conciliava uma imagem de modernidade com parcimônia de meios e economia de custos.

Nada mais expressivo no cenário característico das metrópoles das décadas de 1930 e 1940 que os altos edifícios de linhas déco que abrigavam bancos, escritórios, moradias e comércio. Inventário sobre a arquitetura de tendência art déco na cidade de São Paulo constatou que a tipologia mais frequente entre os prédios era a de uso misto, destinada a habitação multifamiliar com o térreo utilizado para fins comerciais (Campos, 1996, 257).

No caso das residências unifamiliares, na revista *A Casa* é possível observar como projetos de viés déco começam a ser publicados com regularidade partir de 1932, firmando-se ao longo dessa década e de meados da seguinte como a segunda principal tendência – depois do Estilo Missões –

entre os projetos de moradias publicados. Os projetos podiam tentar conciliar o uso profuso de decoração com o “espírito funcional” do “moderno” (*A Casa*, 1939, p. 17-18) ou procurar assinalar as qualidades estéticas de uma composição sóbria (*idem*, 1938, p. 35).

A composição escalonada de volumes ou de planos de alvenaria foi usual em prédios altos e em igrejas, surgindo ainda em algumas fábricas. Em igrejas as fachadas eram escalonadas e verticalizadas, com volumetria movimentada ou elementos em relevo, e culminavam em uma torre central, cuja ascendência sobre a composição era reforçada por vitral em forma de uma cruz que se destacava pelo uso cenográfico da iluminação elétrica.

Em fábricas um padrão adotado foi a composição de volumes dominada por uma torre central que confere ênfase ao acesso principal e cuja verticalidade é reforçada por linhas verticais obtidas através de rasgos ou de elementos em relevo. A torre pode ostentar o nome da empresa e no alto um relógio, símbolo do tempo linear que rege o mundo industrial.

Na vertente *Streamlined* as superfícies curvas de alvenaria ou tijolos de vidro podiam indicar inspiração náutica se associadas a referências a passadiços, escotilhas ou mastros.

Há exemplos de um viés art déco com compromissos fortes com a composição *Beaux-Arts*, através da simetria no tratamento das fachadas e de uma adaptação de elementos da linguagem clássica – frontões, pilastras, óculos e platibandas – à *déco*.

O escalonamento de platibanda foi um dos recursos mais mobilizados pelo art déco no Brasil.

Pode-se constatar no Brasil o gosto *déco* se expressou, sobretudo, através de volumes, platibandas e ornatos de formas escalonadas, coerentes com a tendência



Figura 3. Clube erguido pela Cia. de Fiação e Tecelagem São Pedro, em Itu (SP). Fonte: Acervo Pesquisa Nuvila.



Figura 4. Cinema em Neópolis (SE). Fonte: Acervo Pesquisa Nuvila.



Figura 5. Vila operária da Fábrica São Roberto em Gouveia (MG).
Fonte: Acervo Pesquisa Nuvila.

conhecida como *Zig-Zag Modern*. Casos mais raros adotam formas arredondadas que remetem à tendência *Streamlined*.

Em prédios altos, igrejas e instalações fabris a composição escalonada de volumes foi uma solução frequente, coerente com a ênfase na altura e com a busca de monumentalidade. Nestes e em outros programas de uso coletivo – clubes, cinemas, etc. – o uso de princípios de hierarquização, expressos em formas escalonadas e na ênfase ao acesso principal, se evidencia. Em casas populares e pequenas lojas a estética déco é localizada, sobretudo, na forma de detalhes ornamentais das fachadas, que são empregados de forma bastante parcimoniosa e se concentram, principalmente, nas platibandas.

Esta diversidade de soluções e tendências denuncia a capacidade do art déco de se adequar a diversos programas, escalas e padrões de construções, na qual reside a chave de sua ampla propagação no Brasil nas décadas de 1930 e 1940.

Referências

CAMPOS, Vitor José Baptista. *O Arte-déco na Arquitetura Paulistana. Uma outra face do moderno*. 1996, 273 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996

CASA projetada pelo arquiteto Alfredo Ernesto Becker. *A Casa*, Rio de Janeiro, n. 173, p.34, out. 1938

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e Indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista*, V. 16, N. 2, jul-dez 2008, pp. 47-104

PERSPECTIVA e projeto definitivo. Arquiteto Roberto Lacombe e Flavio Barbosa. *A Casa*, Rio de Janeiro, a. XVII, n. 181, p.17-22, jun. 1939

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. *Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45*. 1997. 343 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997